

COPROFAGIA COMO DISTÚRBO COMPORTAMENTAL EM CÃES: REVISÃO DE LITERATURA

COPROPHAGY A BEHAVIORAL DISORDER IN DOGS: LITERATURE REVIEW

Luciano Rogério Meyer¹; Verônica Batista de Albuquerque²; Graziela Kopinits de Oliveira²

¹Médico Veterinário Autônomo. Rua Vasco da Gama 709b, CEP 87005-210 Maringá – PR. E-mail: lucianormeyer@hotmail.com

²Docentes da Faculdade Integrado de Campo Mourão-PR

Resumo

Objetivou-se com este estudo relatar alguns aspectos psicológicos da interação entre homem e animal, visando contribuir com informações que subsidiem a harmonia entre ambos. Na sociedade moderna os animais têm sido submetidos a uma série de situações estressoras, sendo essas as causas de diversas alterações no comportamento. Embora os cães apresentem grande flexibilidade comportamental, as exigências por parte dos proprietários podem desencadear conflitos que favorecem o aparecimento de distúrbios como a coprofagia. Isso pode ser justificado pela necessidade de humanização exigida aos animais a fim de que obtenham comportamentos inerentes à espécie humana, nem que para isso tenham que mudar as suas características naturais. A coprofagia é o hábito de ingerir fezes e esse comportamento pode ser fisiológico em algumas situações, ou decorrente de doenças metabólicas e/ou carências nutricionais. Porém, na maioria das vezes é um distúrbio comportamental do animal na tentativa de obter a atenção do proprietário. A coprofagia representa um desafio para a clínica médica de pequenos animais, pois, possui diagnóstico e tratamento trabalhosos. Assim, os clínicos devem ficar atentos ao avaliar as alterações comportamentais de modo que possam sugerir soluções mais práticas.

Palavras chaves: canino; comportamento; fezes; humanização; nutrição.

Abstract

The objective of this review was to report some psychological aspects of interaction between man and animal, to contribute with information that supports the harmony between them. In modern society the animals have been subjected to a series of stressful situations, and these causes various changes in behavior. Although dogs are of significant behavioral flexibility, the requirements of the owners may trigger conflicts that favor the appearance of disorders such as coprophagy. This can be justified by the need to humanize the animals required in order to obtain behaviors inherent to the human species, even for this have to change their natural characteristics. Coprophagy is the habit of eating feces and this behavior can be physiological or in some situations due to metabolic and / or nutritional deficiencies, but most often is a behavioral disorder of the animal in an attempt to get the attention of the owner. Coprophagy represents a challenge to the medical clinic for small animals therefore has diagnostic and treatment laborious. Thus, clinicians should be alert to assess the behavioral changes so that they can suggest more practical solutions.

Key words: canine; behavior; feces; humanization; nutrition.

Recebido em: 03/12/2013.

Aceito em: 27/06/2014.

Introdução

A domesticação de animais é uma característica universal nas sociedades humanas. Dados sobre o relacionamento entre homens e animais afirmam que essa relação vem dos

primórdios da humanidade, estabelecendo laços de amizade ou até familiares. O cão, em particular, é um dos animais domésticos de convivência mais antiga, datada há mais de dez mil anos, fato este evidenciado com arquiteturas

arqueológicas (FARACO; SEMINOTTI, 2004; BECKER; MORTON, 2003).

Em 2007 o Brasil era apontado como a segunda população mundial de animais domésticos, que representam a parcela mais significativa de espécies introduzidas no âmbito das relações humanas, totalizando um montante de 173 milhões de cães no mundo, estimando-se a proporção de sete pessoas para cada cão. Eles são mantidos nas residências, sendo o maior contingente de novos agregados aos grupos comunitários (VIEIRA et al., 2007). Dados da Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação (Abrinpet) indicam que o Brasil é a quarta maior nação do mundo em população total de animais de estimação e, continua como a segunda em cães com um total em torno de 37,1 milhões ao final de 2013, continuando a colocação em 2014.

Não há dúvidas que a interação entre seres humanos e animais de companhia é benéfica para ambos. Os efeitos positivos dessa interação incluem melhoras nos aspectos psicológicos e fisiológicos dos seres humanos. Para o animal há melhorias com relação a sua alimentação, moradia, lazer e boas condições sanitárias. Entretanto, a companhia humana pode modelar o comportamento desses animais negativamente (MARINELLI et al., 2007).

A maioria dos distúrbios comportamentais desses animais é oriunda de um despreparo ou tratamento irresponsável e indisciplinado proporcionado pelos próprios proprietários (FIGUEIREDO, 2001). Como por exemplo, a superpopulação, o confinamento, o livre acesso as ruas, a falta de cuidados e atenção que contribuem para o aumento das patologias de comportamento como agressividade, estereotípias e desespero comportamental (FORTES et al., 2007). Por parte dos humanos surgem as insatisfações com o comportamento do animal, fazendo com que o mesmo seja rejeitado (LANTZMAN, 2010).

Outro agravante é a tentativa de alguns proprietários em humanizar os animais, a fim de

que obtenham comportamentos inerentes à espécie humana, nem que para isso tenham que mudar as suas características naturais. Assim, estes animais se tornam “mimados” e inseguros, apresentando sintomas ou características da personalidade dos seus donos. Desta forma, quando apresentam alguma doença, o tratamento é difícil, pois não se submetem a nenhuma regra imposta a eles pelo proprietário devido ao afastamento de sua própria natureza (BICHARD et al., 1998).

Dentre essas doenças, podemos observar a coprofagia, que se caracteriza por ingestão de fezes do próprio animal (autocoprofagia) ou de outros (alocoprofagia). As formas utilizadas para conter esses comportamentos anormais são, em sua maioria, ineficazes por não retirarem a causa primária, os fatores estressores (AZEVEDO et al., 2007).

Desta maneira, o aparecimento destas alterações de comportamento contraria o conceito de bem estar tão discutido e desejado para todas as espécies, visto que esses são caracterizados por déficits ou excedentes comportamentais que prejudicam o bom relacionamento do animal com humanos e até mesmo com outros animais (CORREA, 2008).

Com base nos fatos mencionados, foi realizada a presente revisão bibliográfica sobre o comportamento canino de coprofagia, com o objetivo de relatar alguns aspectos psicológicos da interação entre homem e animal, visando contribuir com informações que subsidiem a harmonia entre ambos.

Revisão Bibliográfica

O comportamento animal é toda reação dele ao ambiente que o cerca. Recentemente estão sendo realizados estudos com intuito de resolver problemas de ordem comportamental, concentrando-se principalmente em condutas instintivas de cada espécie. Desta maneira, passou-se a prestar mais atenção na rotina desses animais para entender a linguagem canina e, relacionar à quais fatores esses



comportamentos podem estar interligados (BARBOSA FILHO, 2011).

A queixa por parte dos proprietários de que o animal está ingerindo fezes é frequente no dia a dia da clínica médica de pequenos animais. Todavia, tal comportamento é considerado normal para a maioria dos cães, embora possa parecer ofensivo por parte dos humanos (AZEVEDO et al., 2007). Alguns animais têm preferência pelo tipo de fezes consumidas, porém algumas causas que levam à sua ingestão são fisiológicas e outras são distúrbios comportamentais (TILLEY; SMITH JUNIOR, 2003).

A ingestão de fezes de animais ungulados é mais comum em carnívoros silvestres, que são animais que têm uma alimentação desbalanceada e essas fezes servem como fonte de produtos de digestão microbiológica. Também fornecem nutrientes aos cães, além de serem palatáveis. Já o consumo das fezes de neonatos pelas cadelas recém-paridas é um comportamento fisiológico e rudimentar para higienização do ninho (LANTZMAN, 2010).

Várias são as hipóteses sugeridas como causas da coprofagia, no entanto, não há respostas definitivas. Alguns autores sugerem que a razão para uma não definição da etiologia deste problema seja a variabilidade das situações que predisõem um animal a este comportamento, podendo ser multifatoriais ou mistas. Portanto, deve-se avaliar e classificar a origem do problema para facilitar o prognóstico e tratamento (HORWITZ; NEILSON, 2008; GONÇALVES, 1997).

A halitose é uma queixa comum dos proprietários referentes aos cães que ingerem fezes, além de que os animais podem apresentar infecção repetida de parasitas gastrointestinais, desgaste excessivo dos dentes, obstrução gastrointestinal e viroses como a hepatite e a parvovirose (HOFMEISTER et al., 2011).

Fatores predisponentes

Ao fornecer uma grande quantidade de alimento e, especialmente, se esta alimentação for à base de ração uma única vez ao dia, pode-se

sobrecarregar o sistema digestivo e, conseqüentemente, predispor a uma má digestão. Assim, as fezes podem apresentar um alto grau de produtos alimentares não digeridos. Mais tarde, sentindo fome, o cão pode se alimentar destas fezes. O fato também pode ocorrer quando o comedouro não é individual e o dominante vai consumir uma maior quantidade de alimento, deixando pouca ou nenhuma comida para o outro animal subordinado. Assim, o submisso não se sentindo farto recorrerá às fezes do dominante, que se alimentou melhor e eliminou mais nutrientes (ROSSI, 2002).

Baixos níveis proteicos, alimentação insuficiente ou até dieta desbalanceada oferecida a categoria animal não equivalente, posteriormente, podem acarretar em fome do animal, que ingere suas fezes (HORWITZ; NEILSON, 2008).

Quando a dieta apresenta altos níveis de carboidratos, como é o caso da maioria das rações, o intestino delgado não é capaz de digerir e absorver esse excedente, o que significa taxa de passagem maior no intestino grosso no qual ocorre a fermentação parcial antes da eliminação. O volume de fezes é aumentado, além de conter um nível de amido residual alto. Muitos cães têm atração por esse material que parece ter um caráter lúdico, gratificante e de auto recompensa, além de ser saboroso para o animal (PIBOT et al., 2007).

Filhotes podem se alimentar, durante as primeiras semanas de vida, das fezes de suas mães, na tentativa de formar uma flora bacteriana própria e suprir deficiências de vitaminas e minerais (LANTZMAN, 2010).

De maneira geral, a maioria dos casos de coprofagia em cães é relatada aproximadamente entre 6-8 meses de idade. Nestes casos, considera-se tal comportamento normal, atribuindo-se a busca de nutrientes nas fezes, como fator principal de tal comportamento nos filhotes. Ainda nesta linha de raciocínio e de acordo com algumas teorias evolutivas, animais carnívoros, como o cão, têm o hábito de começar



a devorar a presa pelas vísceras e essas, por sua vez, têm presença de fezes, que eles ingerem (LANTZMAN, 2004).

Contudo, esse comportamento fisiológico não deve se tornar um apetite depravado, que é aquele que ocorre pela ingestão de gêneros não alimentícios, como exemplo, ingestão de pedra, tecidos, sapatos, fezes e areia. Com grande constância, este por sua vez é realizado para distração animal e, às vezes para chamar atenção do proprietário (HORWITZ; NEILSON, 2008).

A literatura atual relata o aparecimento de algumas doenças que podem induzir o consumo de fezes por parte do animal. Neste contexto, entram a pancreatite exócrina ou síndrome de má absorção, ocorrência de vermes e deficiência de tiamina (HOFMEISTER et al., 2011).

Na pancreatite exócrina há um déficit na secreção de enzimas digestivas. Essas por sua vez facilitam a absorção de nutrientes da dieta, como carboidratos, lipídeos e proteínas e determinadas vitaminas e minerais (CARVALHO et al., 2010; BUNCH, 2006).

A falta de enzimas de origem pancreática, hepática, biliar ou intestinal, responsáveis pela digestão, pode ser um fator responsável pela coprofagia. Esta deficiência pode ser hereditária ou surgir decorrente de uma patologia. A causa ainda é pouco esclarecida, mas pode estar associada a distúrbios da nutrição, infecções virais ou parasitárias, obstrução de ductos pancreáticos, refluxo duodenal, traumatismos e reação medicamentosa, entre outras (ACKERMAN et al., 2004).

A deficiência enzimática favorece a eliminação de nutrientes não digeridos nas fezes, devido à alteração na digestão dos mesmos. Assim, essas substâncias eliminadas na matéria fecal, não são absorvidas pelo organismo, acarretando em uma deficiência nutricional para o animal, além de proporcionar um odor atrativo nas fezes, estimulando a coprofagia (WILLIAMS, 2004).

Por outro lado, a deficiência de vitamina B1 (tiamina) provoca a coprofagia, em resposta à carência nutricional. As carências vitamínicas intervêm na absorção de nutrientes, fazendo com que estes sejam eliminados junto às fezes, não ocorrendo seu aproveitamento pelo organismo. Esta vitamina não é produzida pelo organismo animal e, portanto deve ser suplementada via alimentação (ETTINGER; FELDMAN, 2004).

Muitas parasitoses intestinais, também podem originar carências alimentares nos canídeos e, assim, alterar a assimilação de carboidratos, proteínas e lipídeos da dieta. Os ascarídeos, os Ancilostomas, os Trichuris sp. e as Giárdias são os parasitas intestinais mais frequentemente encontrados nos exames coproparasitológicos e, frequentemente observados nas amostras de coprofagia em animais (NELSON; COUTO, 2010).

A gastrite é oriunda da má alimentação do animal, sendo outro fator desencadeante da ingestão de fezes, pois a irritação estomacal induz o animal a ingerir alimentos e/ou materiais não comestíveis e preferencialmente, ricos em fibras solúveis (TAMS, 2005).

Assim como em outras doenças, existem fatores desencadeantes de carências nutricionais que levam o animal a consumir fezes e, isto se dá em decorrência da pequena quantidade de proteínas e gorduras não digeridas totalmente, levando as fezes a ser uma fonte de nutrientes (LORENZ, 1995).

Toda doença ou condição que provoque polifagia também pode levar a coprofagia, como por exemplo, hiperadrenocorticismos, tratamento com glicocorticóides, diabetes melito e hipertireoidismo (PIBOT et al., 2007).

Fatores psicológicos

Algumas diretrizes acreditam que animais jovens utilizam vários sentidos para juntar informações sobre seu meio ambiente. E essa característica, por sua vez, proporcionou ao animal a habilidade de viver revirando lixo à procura de alimentos e se alimentar desses restos e, até de fezes (SERPELL, 1993).



Desta forma, a ansiedade devido a conflito ambiental também pode ser uma causa dos distúrbios alimentares. O estresse ambiental pode contribuir com vários comportamentos redirecionados, incluindo a coprofagia. Isto reflete em cães entediados que manipulam fezes como passatempo, ou até o condicionamento ao consumo de fezes para receber atenção do proprietário (LANTZMAN, 2010).

Tal comportamento pode ser reforçado pela reação emocional do proprietário, o que significa ganho de atenção. Em geral o comportamento de um animal é adaptativo, e isso ocorre ou por aprendizado, ou por instinto. Os estímulos externos de um animal influenciam no comportamento e influenciarão em uma resposta (MANNING, 1977).

Punições excessivas relacionadas às eliminações do cão podem induzi-los a comer as próprias fezes para evitar que os proprietários os punam. Os cães que são punidos severamente por fazerem suas necessidades dentro de casa são um exemplo disto (TILLEY; SMITH JUNIOR, 2003).

Tratamento

Primeiro, é necessário avaliar se há presença de alguma doença associada ao hábito de coprofagia e tratá-la. Caso seja apenas um hábito, a coprofagia pode ser corrigida por meio da mudança para uma dieta de alta digestibilidade, alto nível de proteínas e gorduras e, baixos níveis de carboidratos e fibras, resultando em modificação da textura e sabor (HORWITZ; NEILSON, 2008).

É relevante que o comedouro e bebedouro sejam individuais e longe do local de defecação. Outra alternativa é estimular os animais a realizarem suas necessidades fora da residência, durante passeios por exemplo, para não estimular a doença. Pode-se também aumentar a frequência de alimentação e utilizar suplementos alimentícios (SERPELL, 1993).

O enriquecimento ambiental se torna um método eficaz, pois a introdução de fonte de estímulos ao ambiente de cativeiro estimula que o indivíduo interaja com o mesmo. Nunca se deve repreender o animal. Deve-se ensiná-lo com o uso do “não” quando apresentar a alteração e, pode-se até fazer o uso da focinheira quando o animal for pego em flagrante (DEHASSE; BUYSER, 1995).

Segundo Horwitz e Neilson (2008) a coprofagia também pode ser suprimida usando-se o condicionamento por aversão, com o uso de produtos de odor e sabor desagradáveis. O vinagre, o limão ou a pimenta aplicada nas fezes tem apresentado bons resultados. Porém, estas opções de tratamento só devem ser usadas como último recurso.

A distribuição errônea do espaço de dormir, alimentar, defecar e urinar também são pontos chave. Cães que não dispõem de espaço suficiente e são forçados a defecar em seu espaço de dormir acabam por ingerir suas fezes para manter o espaço limpo. Cães confinados ou presos são mais aptos a desenvolver coprofagia do que aqueles que estão em companhia humana na maior parte do tempo. Dehassse e Buyser (1995) comprovaram em estudo que animais que saem a passeio, recebem maior atenção do dono e/ou ganham brinquedos podem ter este comportamento diminuído ou aliviado.

Conclusões

A coprofagia representa um desafio para a clínica médica de pequenos animais, pois, possui diagnóstico e tratamento trabalhosos. Assim, os clínicos devem ficar atentos ao avaliar as alterações comportamentais de modo que possam sugerir soluções mais práticas. É papel do médico veterinário orientar o proprietário sobre a alimentação balanceada desses animais, assim como nortear sobre a convivência benéfica entre o homem e o animal.



Referências

- ACKERMAN, L.; HUNTHAUSEN, W.; LANDSBERG, G. **Problemas comportamentais do cão e do gato**. 2ª ed. São Paulo: Roca, 2004.
- AZEVEDO, C. S.; CIPRESTE, C. F.; YOUNG, R. J. Environmental enrichment: GAP analysis. **Applied Animal Behaviour Science**, n. 102, p. 329–343, 2007.
- BARBOSA FILHO, J. A. D. **A importância do comportamento animal na ambiência**. Universidade Federal do Ceará. 2011. Disponível em: www.diadecampo.com.br/construçõesruraiseambiencia Acesso em: 20 abr 2013.
- BECKER, M.; MORTON, D. **O poder curativo dos bichos**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2003. p.38-45.
- BICHARD, S. J.; SHERDING, R. G., JOHNSON, S. E. Doenças e Cirurgia do Pâncreas Exócrino. In: BICHARD; S. J.; SHERDING, R. G. **Manual Saunders -Clínica de Pequenos Animais**, São Paulo: Roca, 1998. p. 865-874.
- BUNCH, S. E. O pâncreas exócrino. In: Nelson, R. W.; Couto, C. G. **Medicina interna de pequenos animais**. 3ª ed. São Paulo: Mosby, 2006. p. 533-546.
- CARVALHO, C. F.; SILVA, E. B.; SILVA, L. C. S. Insuficiência Pancreática Exócrina em um cão da raça Cocker Spaniel Inglês – Relato de Caso; Ambiência - **Revista do Setor de Ciências Agrárias e Ambientais**. v. 6, n. 3, p. 523-527, set./dez. 2010.
- CORREA, P. M. **Teste de supressão pela dexametasona em cães (Canis familiaris) com distúrbios comportamentais**, 2008. 51 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Clínicas) Faculdade de Medicina Veterinária, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Seropédica, 2008.
- DEHASSE, J.; BUYSER, C.; **Comportamento e educação do cão**. São Paulo: Varela, 1995. p.54-60.
- ETTINGER, S.J.; FELDMAN, E. C.; **Tratado de Medicina Interna Veterinária**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.
- FARACO, C. B.; SEMINOTTI, N., A Relação Homem-Animal e a Prática Veterinária. **Revista do Conselho Federal de Medicina Veterinária**, v. 10, n. 32, p. 57-62, 2004.
- FIGUEIREDO, A. C. C. Eutanásia animal em centros de controle de zoonoses. **Revista do Conselho Federal de Medicina Veterinária**, v. 7, n. 23, p. 12-17, 2001.
- FORTES, F. S.; et al. Acidentes por mordeduras de cães e gatos no município de Pinhais, Brasil de 2002 a 2005. **Archives of Veterinary Science**. v. 12, n.2. p.16-24, 2007.
- GONÇALVES, H. **Seleção e cuidados com os animais terapeutas**. nov. 1997. Disponível em: www.animaisterapeutas.com.br/animais_terapeutas.htm Acessado em 10 abr. 2013.
- HOFMEISTER, E.; CUMMING, M.; DHEIN C. Owner documentation of coprophagia in the canine. 2011. Disponível em www.vetmed.wsu.edu/pets/study.htm. Acesso em 11 abr. 2013.
- HORWITZ, D., NEILSON, J. C. **Comportamento Canino & Felino**. Artmed, Porto Alegre, 2008. 662p.
- LANTZMAN, M. **O cão e sua família; temas de amor e agressividade**, 2004. 100f. Dissertação. (Mestrado em Medicina Veterinária) Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- LANTZMAN, M. Coprofagia em cães: um estudo de caso. **Revista ciência biológica ambiental**, v.2, n.1, p.35-49, 2010.
- LORENZ, K. **Os fundamentos da etologia**. Editora UNESP, São Paulo, 1995. 475p.



- MANNING, A. **Introdução ao comportamento animal**. São Paulo Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., São Paulo, 1977.
- MARINELLI, L.; et al. Quality of life of the pet dog: influence of owner and dog's characteristics; **Applied Animal Behavior Science**, Amsterdam, v. 108, n. 1-2, p. 143-156, 2007.
- NELSON, R.W.; COUTO, C.G.; **Medicina interna de pequenos animais**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. 1468p.
- PIBOT, P.; BOURGE, V.; ELLIOTT, D. **Enciclopedia de la nutrición clínica canina**. Royal Canin, 2007.
- ROSSI, A. **Adestramento inteligente, com amor, humor e bom senso**. 8ª ed. São Paulo: Editora CMS, 2002.
- SERPELL, J. A. Childhood Pet keeping and Humane Attitudes in Young Adulthood, **Animal Welfare**, v.1, n. 2, p. 321-337, 1993.
- VIEIRA, A. M. L.; et al. Programa de controle de cães e gatos do Estado de São Paulo. **Boletim Epidemiológico Paulista**, São Paulo, v.3, supl. 5, p. 1-139, 2007. Disponível em: www.ftp.cve.saude.sp.gov.br/doc_tec/outros/suple5_cao.pdf. Acesso em 12 abr. 2013.
- TAMS, T. **Gastroenterologia de Pequenos Animais**. 2ª ed. São Paulo: Roca, 2005. 472p.
- TILLEY, L. P.; SMITH JUNIOR, F. W. K. Insuficiência Pancreática Exócrina. **Consulta Veterinária em 5 minutos**. 2ª ed. São Paulo: Manole; 2003. p.682-683
- WILLIAMS, D. A. Doença Pancreática Exócrina. In: ETTINGER, S. J.; FELDMAN, E. C. **Tratado de Medicina Interna Veterinária**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004, v.2. p. 1418-1439.

